

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO USO MEDICINAL DA CANNABIS SATIVA NO INSTAGRAM

SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE MEDICINAL USE OF CANNABIS SATIVA ON INSTAGRAM

Andréa Da Silva Ferreira¹; Mariana Matos²

RESUMO

Através de publicações de perfis jornalísticos no Instagram foi realizada uma busca pelo sentido vinculado ao uso medicinal da maconha para compreender as representações sociais inseridas nos comentários dos usuários da rede, e, a partir dos dados obtidos, foram mapeados alguns padrões e tendências nos posicionamentos sobre o assunto, questões legais, consequências a longo prazo, impactos na saúde, narrativas de experiências etc. Para colher os dados foram escolhidos dois perfis com grande visibilidade. O primeiro perfil está atrelado à Globo, G1, emissora brasileira dominante, e a outra, com menor visibilidade, Mídia Ninja, é constituída de jornalismo independente. A metodologia elencada conta com um estudo bibliográfico analítico, descritivo e interpretativo, nos quais são demarcados pelos autores trabalhados no referencial teórico. As considerações finais constam percepções de um afrouxamento das representações negativas que permeiam a utilização terapêutica da maconha, que coaduna com o arcabouço teórico em relação à ressignificação do objeto.

Palavras-Chave: Representações Sociais. Instagram. Uso medicinal da maconha.

ABSTRACT

Through publications of journalistic profiles on Instagram, a search was carried out for the meaning linked to the medicinal use of marijuana to understand the social representations inserted in the comments of users on the network, and, based on the data obtained, some patterns and trends in positions on the subject, legal issues, long-term consequences, health impacts, narratives of experiences, etc. To collect the data, two profiles with high visibility were chosen. The first profile is linked to Globo, G1, the dominant Brazilian broadcaster, and the other, with less visibility, Mídia Ninja, is made up of independent journalism. The methodology listed includes an analytical, descriptive, and interpretative bibliographic study, which are demarcated by the authors worked on in the theoretical framework. The final considerations include perceptions of a loosening of the negative representations that permeate the therapeutic use of marijuana, which is in line with the theoretical framework in relation to the resignification of the object.

Keywords: Social Representations. Instagram. Medicinal use of marijuana.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Nobre (UNIFAN-BA), Feira de Santana, Bahia – Brasil.

² Docente do Centro Universitário Nobre (UNIFAN-BA), Feira de Santana, Bahia – Brasil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho partiu da curiosidade do modo como as pessoas se comportam nos ambientes virtuais, especificamente na rede social Instagram, em relação aos avanços do uso medicinal da erva cannabis sativa. O tema engendra discursões permeadas de representações sociais, cuja direção e movimento estão expostos de maneira livre nos comentários de postagens na rede social, pois este espaço promove trocas de informações e opiniões. O Instagram foi utilizado por ser considerado uma plataforma cuja prática informacional possui uma alta adesão social.

O espaço reservado para comentários em postagens nesta rede social pode ser considerado um grande expositor de representações sociais, cujas opiniões revelam como determinados grupos pensam e agem diante de assuntos relevantes para a sociedade. A pergunta norteadora deste estudo foi: "Como as representações sociais estão presentes nos comentários

dos usuários do Instagram em postagens sobre o uso medicinal da maconha em perfis jornalísticos?", ou seja, diante das informações postadas e da possibilidade de abertura para exposição de opinião, visamos analisar como se comportam as pessoas diante do tema, que possui uma dualidade marcada historicamente por divergências, considerando a possibilidade para mudanças de opinião em relação ao manejo medicinal.

As informações contidas nas notícias veiculadas nas redes viabilizam a comunicação entre os receptores do conteúdo, que é compreendida como inerente ao processo de formação das representações sociais (Moscovici, 1982). Os discursos contidos nos textos imbuídos de representações são apresentados no Instagram através dos comentários, com ou sem identificação, em notícias publicadas sobre o assunto, que geram interações entre os usuários da rede, cujas opiniões ficam passíveis de divergências diante da exposição a que estão inseridas, como consequência da comunicação e podem gerar posicionamentos no cotidiano que se perpetuam ou se modificam.

Serge Moscovici foi um psicólogo social que teorizou sobre as Representações Sociais e estruturou o conceito dentro da Psicologia, constituindo o

conhecimento como psicossociológico, pois dialoga com a Sociologia. Nascido em uma família judia na Romênia sofreu perseguição antissemita durante a Segunda Guerra Mundial, contexto que o levou para França e a estudar Psicologia. Moscovici explica comportamentos que identificam determinados grupos, e que transitam entre o individual e o coletivo demonstrando ideias que

são bastante mobilizadoras e determinam o modo de pensar e agir das pessoas (Moscovici, 1982). Neste sentido, a teoria sobre Representações Sociais de Moscovici foi escolhida

como balizadora para compreender a diversidade de saberes e ideias que permeiam comportamentos em torno da erva Cannabis Sativa, popularmente conhecida como maconha, com o intuito de perceber quais as representações que influenciam na adesão da substância para fins terapêuticos, percepções estas colhidas em comentários em postagens no Instagram, possibilitando a identificação de tendências e padrões de discursos e atitudes em relação ao tema.

Representações Sociais

As construções compartilhadas por um grupo que delineiam o modo pensar, agir, de vestir, de comunicar uns aos outros, de estabelecer limites faz parte da estrutura teorizada por Serge Moscovici (1982), as Representações Sociais, nomenclatura que surgiu a partir de uma exigência do conhecimento psicossociológico. Na década de 1984, afirma Moscovici (1984) para constituir o conceito dentro do campo da Psicologia, mas dialogando com a Sociologia, "por representações sociais queremos indicar um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária no curso de comunicações interindividuais. São o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; poder-se-ia dizer que são a versão contemporânea do senso comum" (Leme, 1993).

Segundo a definição apresentada por Jodelet (1985), responsável por dar continuidade à teoria de Moscovici, as Representações Sociais são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos, imagens, conceitos,

categorias, teorias, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações sociais são, essencialmente, fenômenos que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam. (Spink, 2004)

Os comportamentos que identificam um grupo social que perpassam por comunicações coletivas tornam-se interindividuais. O que sai do “percebido” ou “concebido”, compõe uma construção lógica proposta por Moscovici, cuja representação aparece com duas faces, uma simbólica e outra figurativa, em que toda figura tem um sentido e todo sentido tem uma figura. Dessa lógica nascem dois conceitos: objetivar e ancorar. Objetos “naturalizados” são objetivados e quando uma figura é duplicada por sentido e daí interpretado, diz-se que foi ancorado. Moscovici explica que os grupos criam representações para transformar algo não familiar, em familiar (Spink, 2004).

A contribuição de Moscovici é essencial para compreender que o consenso no grupo traz familiaridade para assuntos diversos, complexos e a interpretação/comunicação regem comportamentos que atuam para moldar a realidade, pois o estranho incomoda, dá medo e desestabiliza (Moscovici, 1984).

A erva *cannabis sativa*

Das ervas mais antigas cultivadas pelo homem, as primeiras evidências de uso medicinal da *cannabis sativa* foi registrada na China primitiva para curar dores, para efeitos laxativos etc. Porém, apesar de milhares de anos de história de cultivo, a planta só vem sendo estudada com mais afinco e valor nas últimas seis décadas. No Brasil, ela chegou através de negros escravizados, principalmente da Angola. O nome “maconha” é proveniente da língua angolana (Crippa, 2023). Tal fato pode elucidar sobre a origem da representação social negativa, uma vez que aspectos ligados à negritude eram demonizados à época, e até hoje permeia o imaginário coletivo (Crippa et al., 2023).

A Europa e os Estados Unidos, a partir do século XIX, começam a produzir artigos sobre o uso medicinal. A indicação era realizada para analgesia, sedativo ou hipnótico, cólera, falta de apetite, e até diabetes, entre outras. O Brasil foi pioneiro nas pesquisas mundiais com o CBD (Canabidiol), graças aos estudos do Prof. Elisaldo Carlini, no final da década de 1960, mostrando que, ao contrário do que se pensava na época, esse canabinoide tinha atividade farmacológica e poderia ter um potencial terapêutico. Canabinoides são substâncias encontradas na planta *Cannabis* ou derivados dela. Em 2014, as pesquisas ganharam um ritmo mais avançado ampliando as indicações e tornando o campo mais efetivo (Crippa et al., 2023).

As pesquisas são recentes e não há resultados a longo prazo da utilização medicinal do CBD. Sobre este tipo de experiência, bem como o uso recreativo da *cannabis* em outros países, após regulamentação, não aumentou seu consumo nem incitou a criminalidade, mas ocorreu o oposto, a criminalidade em torno da substância diminuiu. As políticas proibicionistas interferem não só no ideário popular sobre a planta, mas em pesquisas mais efetivas e no acesso da população aos benefícios da maconha. Até mesmo as pesquisas científicas no campo médico se encontram prejudicadas no âmbito do proibicionismo (Saddi, 2021).

Assim, estudos científicos que envolvem o uso terapêutico de substâncias consideradas ilegais se tornaram de difícil execução, caindo o número de publicações sobre o tema proporcionalmente ao grau de repressão da política proibicionista. Desta forma, a produção acadêmica envolvendo o uso terapêutico de *Cannabis* (maconha), estimulantes (MDMA) e alucinógenos (LSD) se vê prejudicada em virtude do preconceito e das dificuldades burocráticas decorrentes do estigma associado a essas substâncias. (Saddi, 2021, p.30)

Os benefícios, ainda sob pesquisa, podem estar associados à presença de um sistema no organismo chamado de endocanabinóide, que recebe as substâncias presentes encontradas na *cannabis* de forma positiva sem provocar dependência ou efeitos colaterais exacerbados. A medicina canábica tem apresentado resultados positivos no tratamento de doenças diversas, tais como Parkinson, Alzheimer, dores crônicas, demência, quadros de ansiedade e

depressão, quadros de epilepsia, entre outras. Porém, tais informações ainda chegam à população ainda de modo insipiente e esbarram em representações sociais negativas (Crippa, 2023).

MÉTODOS

A pesquisa está situada na área de Ciências Humanas, na Psicologia e na Psicologia Social. Foi realizada uma pesquisa de campo, analítica e de cunho qualitativo, cuja amostragem foi coletada em ambiente virtual de domínio público. Os dados analisados foram os comentários contidos em postagens publicadas na rede social *Instagram* sobre o uso medicinal da maconha.

Procedimentos de Análise

Os comentários foram copiados *ipsi literis* com intuito de demonstrar o discurso dos usuários da rede, considerando escrita e pontuação,

O *Instagram* foi selecionado por se tratar de uma das redes sociais mais utilizadas atualmente no Brasil e por não proporcionar riscos de interesse dada a natureza pública dos dados. Foram escolhidos dois perfis jornalísticos cuja adesão é superior a quatro milhões de seguidores e as postagens sobre o tema tenham sido realizadas nos últimos seis meses compreendidos entre outubro de 2023 e março de 2024. Trata-se de informações expostas livremente na internet e o interesse será o teor do discurso, portanto, sem exposição dos autores, não carecendo de autorização do conselho de ética.

ignorando apenas as figuras inerentes aos ambientes digitais e, foram interpretados para serem encaixados nas categorias para análise de conteúdo:

Favoráveis	Comentários com manifestações positivas, textos que parabenizaram o governo pela flexibilização ou a mídia social por veicular a notícia, agradecimentos pela notícia, textos explicativos sobre os benefícios ou diferenciando o uso medicinal do uso recreativo, textos que viabilizaram informações sobre acessibilidade ao medicamento.
Pejorativos	<p>Geralmente textos curtos relacionados ao uso recreativo de modo pejorativo, negativo e ou xingamentos direcionados aos usuários, críticas ao governo por qualquer iniciativa relacionada ao tema em detrimento a outras prioridades, alusão à política de esquerda como análoga ao público usuário da substância.</p> <p>A categoria “desfavorável” não foi incluída, pois o termo “pejorativo” abarca as expressões utilizadas pelos usuários da rede como um discurso desfavorável, porém sem maiores discussões ou argumentos que explicassem a negativa.</p>

Cunho político	Comentários cujo conteúdo está imbuído da dualidade presente no Brasil atual, apresentando em alguma medida agressividade em relação a oposição do governo vigente e enfrentamentos de ambos. Alguns textos aleatórios que fugiram do tema postado, que serviram como provocações aos opositores aproveitando-se da visibilidade da postagem.
Aleatórios	Comentários desconexos fora do contexto da postagem.

Procedimento de coleta

De acordo com o espaço temporal de seis meses, a contar de março de 2023, houve três postagens com o tema “uso medicinal da maconha”, duas postagens no perfil jornalístico independente (Mídia Ninja) e uma no perfil da mídia dominante (Portal G1). Os textos das matérias postadas falam sobre avanços, regulamentações e barreiras encontradas na legislação brasileira. Os comentários foram analisados na íntegra e separados de acordo com as categorias que surgiram

decorrentes do teor dos discursos. Os símbolos inerentes às redes sociais, como em emojis, figuras polêmicas e animações não foram contabilizados. Para esta análise, foram consideradas somente as mensagens textuais dos comentários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a categorização, foram obtidos os resultados descritos a seguir:

COMENTÁRIOS	G1 400 COMENTÁRIOS 27/12/2023	MÍDIA NINJA 267 COMENTÁRIOS 07/11/2023	MÍDIA NINJA 700 COMENTÁRIOS 03/04/2024
FAVORÁVEIS	144	92	123
PEJORATIVOS	23	26	14
CUNHO POLÍTICO	31	06	65
ALEATÓRIOS	61	36	14

RELATOS DE EXPERIÊNCIA POSITIVA	13	14	05
---------------------------------	----	----	----

É possível notar que diante da marginalização decorrente do contexto histórico do uso recreativo da maconha, o assunto ainda é permeado por dúvidas diante da legislação proibitiva vigente sobre a utilização e plantio, que por sua vez possibilitam ideias geradoras de representações sociais sobre o assunto. Porém, diante da amostragem e de acordo com o resultado ilustrado no gráfico, é possível inferir que já há flexibilização em torno da ideia do uso medicinal da cannabis *sativa*, pois os comentários favoráveis aos avanços, bem como os relatos de experiência, constituem a maioria das manifestações dos usuários das postagens da rede social em questão. Foi observado que os comentários favoráveis estiveram em maioria, pois foram expostas de maneira direta sem a possibilidade de compreensão contrária ao teor do discurso:

“Viva a ciência!”

“Viva ao Sus!”

“Vao ter cannabis no sistema sim!

Parabéns! (emojis de palmas)”

“Finalmente, não vejo a hora que começar a fazer meu tratamento com Cannabis (emojis de coração) chega de tarja preta (mão dando graças)”

“Legaliza!”

“meu sonho é que esse remédio chegue aqui no Nordeste, pra vê se eu salvo minha filha que é mãe de um autista do grau severo, ela já está muito cansada tadinha” “A nossa luta não foi em vão! Agora o trabalho é para a inclusão de mais patologias para que mais pessoas tenham direito ao tratamento!”

(Postado no Portal G 1)

Para uso medicinal e ótimo! Já tem pesquisas científicas comprovadas provando isso! “Maconha sendo usada para a saúde (emojis de palmas), que

aumente em 10.000% seu uso, seja dada a todos que precisam e que os médicos receitam mais e mais para seus pacientes (emojis de coração)”

“Iradoo pessoal!! Obrigada pela matéria (emojis de coração)”

“(emojis de fogo) é o futuro dos remédios!!!”

“nossos pacientes com fibromialgia tem uma resposta muito boa a cannabis medicinal! Realmente muda a vida!”

“O Cannabis veterinário é a solução para muitos pets que estão em sofrimento e nenhum remédio ajuda (emojis de palmas)”

(Postado no perfil Mídia Ninja)

Os comentários supracitados contêm um discurso positivo sobre o manejo terapêutico e demonstram uma transformação da ideia negativa sobre a maconha. Se antes a erva considerada para uso recreativo, tráfico, “porta de entrada” para outras drogas, objeto de marginalização dos sujeitos, na atualidade torna-se “familiar” para determinados grupos que confiam em dados científicos ou simplesmente necessitam dos resultados positivos propagados para amenizar determinadas patologias, depositando esperança nessa nova perspectiva do objeto “maconha”, já que “o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, ou a não familiaridade, em familiar” (Spink, 1994).

Serge Moscovici (1984) propôs a ideia de formação da representação social, enquanto algo ressignificado pelo sujeito de modo individual a partir do que é percebido do paradigma social. A realidade “objetiva” e social pode ser vista e interpretada pelo indivíduo, dando a possibilidade de “ancoragem”, ou seja, modelagem de determinado paradigma, para depois propagar através da comunicação atualizando uma percepção psicológica particular. “Representar uma coisa (...) não

é com efeito simplesmente duplicá-la, repeti-la ou reproduzi lá; é reconstituí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre o conceito e a percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, cria a impressão de realismo (...)" (Spink, 1993).

"Moscovicci considera que a classificação se dá mediante a escolha de um dos paradigmas ou protótipos estocados em nossa memória, com a qual comparamos então o objeto a ser representado e decidimos se ele pode ou não ser incluído na classe em questão. Não se trata, observe-se, de uma operação lógica de análise da proporção de características que o novo objeto em comum com os novos objetos da classe. O que se põe em jogo é uma comparação generalizadora ou particularizadora, pelas quais se decreta que o objeto se inclui ou se afasta da categoria, com base na coincidência/divergência em relação a um único ou poucos aspectos salientes que definem o protótipo. A "lógica natural" em uso nos universos consensuais preside o processo" (Spink, 1993).

Nos recortes da amostragem citados abaixo, já é possível notar percepções distintas do mesmo objeto. O comportamento diante do uso terapêutico provoca dúvidas sobre os efeitos positivos, forma de prescrição, funcionalidades e barreira econômica para a adesão, bem como dá notícia sobre divergência entre os discursos de grupos subdivididos entre os que "aderem" à ciência em contraposição aos que possuem "preconceito" e "ignorância", dada a confusão entre uso recreativo e uso medicinal.

"e estamos deixando de lucrar com isso dia a dia pelo conservadorismo de alguns" "não tem no sus. Uma ou outra cidade tem gratuito. Não é a única opção para tratar ansiedade. Não é uma solução milagrosa. É só mais uma alternativa terapêutica. E não sejamos tolos...apesar de ter resultados encara a mesma pressão por prescrição que outros remédios da indústria."

"todo remédio é assim . . . , mas se um não faz efeito temos q procurar algo q ajude . . ." "Que o acesso seja para os que

realmente precisarem, caso contrário já avisto o abismo ainda maior. Se comprovado a necessidade, poderia ter um custo pequeno, pois tem muitas pessoas que se quer tem para comprar comida, e quem quer sustentar vício, que o valor seja o mais alto possível."

"Vale lembrar que cannabidiol não é a primeira escolha pra nenhum tratamento mencionado."

"mas dá resultados positivos."

"sério? Me diz alguém que trata qualquer câncer com cannabis! Me diz quem deixa de tomar levodopa para tratar Parkinson e utiliza cannabis."

"amor, não é para tratar e sim para aliviar os sintomas. E eu tenho uma parente que está passando pelo câncer e está usando, ela acha muito positivo (emoji de coração)"

"Um viva a ciência e o combate ao preconceito e ignorância (emoji de palmas)"

Para agir em defesa do uso medicinal há ainda uma tendência quase instintiva de grupos que separam o sentido da palavra "maconha" do sentido de "cannabis", sendo uma com cunho pejorativo própria para o uso recreativo, sendo "maconheiro" o usuário que desvia a benesse da erva, e a outra direcionada para o medicamento que "salva" e proporciona qualidade de vida para as pessoas.

"Não é o que dizem: cannabis é medicinal, maconha é recreativa."

"Agora chama paciente? No meu tempo tinha outro nome (emojis de risos) "O nome é maconha, chamam de cannabis para elitizar e segregar, pobre, preto e periféricos usam maconha, rico branco usam Cannabis, isso é o racismo estrutural"

"como vc chama a alface? Eu sou biólogo Cannabis é gênero na taxonomia só pode escrever com a primeira letra maiuscula, vocês desinformam"

"Nao usem pessoas que precisa de tratamento para induzir a ser maconheiro (emoji de risos) que dia informação esse post"

"Maconha, baseado, fininho por favor repassem a informação do jeito certo e eficaz, porque assim toda a nossa classe (maconheiros) perde toda credibilidade. Se vcs puderem assistam o podcast do João Gordo e B-negao"

"Tudo maconheiro."

"Os maconheiros tão com porr@ (emojis de Risos) faz o L"

Para somar-se a isso, há ainda os comentários que utilizam a nomenclatura pejorativa “maconha” ou a ideia do uso recreativo para referir-se a grupos estereotipados realizando analogia com o governo vigente, dito de “esquerda”, ou para rivalizar com a oposição a partir da dualidade política acirrada nos últimos anos, composta pelo grupo de Esquerda e o grupo de Direita extremista, representadas pelas figuras do presidente Luís Inácio Lula da Silva e o ex presidente Jair Messias Bolsonaro, respectivamente. A maconha, nos discursos que seguem, está para pessoas marginalizadas e sem inteligência, assim como está para o grupo de esquerda, *bem* como a negação à ciência e pouca inteligência está para a oposição:

“Maconha perto da droga que tu usas é bobagem, tu usas cloroquina que é muito mais pesada, não atoa que tu ora pra pneu, acampa e fica marchando na frente do quartel, pede intervenção alienígena, e pra completar ainda lambe bolas de miliciano (emojis de risos) Tu nem cérebro tem, teu caixa craniano é oco. É igual prego, só tem cabeça pra levar martelada (emojis de risos) agora se senta, chora e espera só mais 72h”

“Melhor comentário!”

“eu pedi para um médico bolsonarista ele me disse que isso é coisa da esquerda que jamais me daria este tratamento”

“as vezes pega um médico (emoji de palhaço), sem cérebro, q negue.... Mas não desista, vc vai encontrar um médico a favor da ciência.... Não um negacionista!”
“Bugando os b0zolóides negacionist4s anti ciência kkkkkkkkkkkk”

“Os maconheiros não conseguem discernir um assunto do outro. Essa matéria não é sobre

cigarrinho de maconha



“O cara não consegue conjugar um verbo sem errar, não sabe nem escrever, melhor ele ficar longe. Maconha e Café são para pessoas com formação cognitiva avançada, já essa espécie aí é melhor ficar na pinga, pagar 10% pro pastor acreditando

que assim terá um lugar no céu e se manter na mediocridade!” (emojis de risos)

“Pelo jeito quem não superou foi você. “Fol4 Luleee, ainn” (emoji de risos) Vai rezar pra pneu e esperar mais 72h, ou melhor espera até 2026 onde LULA será reeleito, aí você imprime o papel Fora Lula do teu perfil, dobra, vira de ladinho e enfia no orifício anal. (emoji de risos)”

“Então você é maconheiro? Sabia! (emoji de risos) Que cara burr0, PQP KAKAKAKAKA”

Pensar sobre o viés político fomentaria outra discussão que incluisse conceitos de identidade social e estereótipos, já que tais grupos se identificam com lados opostos e expõem valores atrelados a estes, além de necessitar adentrar no contexto histórico em que a dualidade política passa pelo processo de acirramento. Porém, os dados nesta discussão permitem consonância no que diz respeito à necessidade de posicionamento para demonstrar vínculo com determinado grupo ao citarem o modo negativo de enxergar a maconha como algo inerente à oposição, atrelando a estas características de pouca inteligência ou marginalização, ainda que o teor devesse direcionamento ao uso medicinal da planta, pois as representações sociais sobre o cenário político atual parecem se sobrepor pela necessidade de pertencimento a um grupo.

Isso pode ser um exemplo do processo de construção das representações sociais, que conta não necessariamente com a capacidade cognitiva ou determinismo, mas há também afeto como elemento constitutivo da tomada de decisão no posicionamento e adesão à representação. “As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm” (Jodelet citada em Spink, 1994).

No que diz respeito aos elementos constitutivos e que podem determinar a construção das representações sociais, pode-se inferir conforme a base teórica, que não ocorre de forma linear. Trata-se de processo complexo que abrange a subjetividade dos sujeitos, a objetividade, a necessidade de pertença ao grupo, respondendo a exigências de situações

peculiares, estas sendo denominada como Pressão à Inferência por Moscovici (1984), referindo-se a determinantes de formação das Representações Sociais. Além de elementos que versam sobre o interesse do sujeito e a dispersão da informação a qual o indivíduo está imerso (Moscovici, 1984, em Santos, 1994).

CONCLUSÃO

Pesquisar sobre representações no campo das redes sociais parece frutífero, uma vez que, o que consta naquele ambiente virtual é também comportamento e demonstra, mesmo que ainda de modo insipiente no que tange a um paradigma que possa servir de regra, material abundante principalmente sobre expressões livres de opinião. Foi possível verificar o modo como ali estão inseridas as representações sociais nas discussões dos usuários, bem como a tomada de decisão no que diz respeito a posicionamentos relevantes para pertencer a determinado grupo.

No que tange a percepção sobre o afrouxamento da visão negativa sobre a maconha, na amostragem foi perceptível que o uso medicinal da erva tem ganhado espaço primeiramente em grupos que estão mais propensos a confiar em dados científicos e ou as pessoas que necessitam da substância como apaziguador de sintomas de patologias mais complexas, o que retifica a ideia de Moscovici sobre a interpretação do objeto. O contexto histórico do sujeito, a criatividade inerente à subjetividade, bem como a necessidade e aspectos ligados à afetividade são promotores de representações sociais que são propagadas e defendidas nessas postagens. Os leitores, ou seja, quem recebe a notícia veiculada pela rede social e tem acesso às discussões, tem ali a oportunidade de ressignificar a informação e por sua vez, comunicar como convém, desse modo, girando a informação e interpretando sobre o objeto.

Futuras pesquisas são essenciais para explorar mais profundamente como essas representações evoluem ao longo do tempo e em diferentes plataformas, bem como para investigar a influência de fatores demográficos e culturais nas percepções dos usuários sobre a maconha e outros temas polêmicos. Estudos longitudinais e metodologias mistas, que combinem

análises quantitativas e qualitativas, podem proporcionar insights mais robustos e abrangentes, contribuindo para uma compreensão mais detalhada das dinâmicas de representações sociais nas redes sociais.

REFERÊNCIAS

Crippa, J. A. S., Souza, J. D. R. D., & Guimarães, F. S. (2023). Canabidiol na medicina: da pesquisa à prática clínica. Editora Manole Saúde.

Coutinho, M. P. de L. (2004). Uso da maconha e suas representações sociais: Estudo comparativo entre universitários. Psicologia em Estudo.

<https://www.scielo.br/j/pe/a/cRWCJTSPFw895Bnc4gkD8rj/?format=pdf&lang=pt>
Saddi, L. (2021). Maconha: os diversos aspectos, da história ao uso. Editora Blucher.

Spink, M. J. P. (1993). O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Cadernos de Saúde Pública

<https://www.scielo.br/j/csp/a/3V55mtPK8KXtksmhbkctkj/?format=pdf&lang=pt>

Spink, M. J. P. (Org.). (2004). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social (1ª ed.). Brasiliense.

Santos, M. de F. (1994). Representação social e a relação indivíduo-sociedade. Temas em Psicologia, 3. Universidade Federal de Pernambuco.